

ANNA FLORA

A REPÚBLICA DOS ARGONAUTAS

*2^a edição
12^a reimpressão*



SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 1998 by Anna Flora Ferraz
de Camargo Coelho representada por
AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Capa, mapas e grafites:
Carlos Matuck

Preparação:
Denise Pegorim

Revisão técnica do mapa:
Francisco Eduardo de Aguirra

Revisão:
Ana Maria Alvares
Cláudia Cantarin

Atualização ortográfica:
2 estúdio gráfico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Flora, Anna
A república dos argonautas / Anna Flora. — São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

ISBN 978-85-7164-804-3

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

98-3050

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



Eu morava em um bairro chamado Vila Madalena. Nos anos 70 algumas ruas ainda eram de terra, todas com nomes bonitos: Girassol, Córrego das Corujas, Harmonia, Simpatia, Fidalga, Purpurina, Cardeal Arcoverde, Original. Nós andávamos pelo bairro à vontade; não era como hoje, que os pais ficam com medo quando a gente sai sozinho.

Na esquina da rua Fradique Coutinho com a Aspicuelta havia uma loja que vendia de tudo: revistas, jornais, álbuns de figurinha, vassouras, gibis. Quando a turma ganhava mesada, ia direto para lá. Uma vez meu irmão comprou vinte e seis paraquedistas de plástico.

Mais em frente, na rua Inácio Pereira da Rocha, tinha uma pinguela e um rioxinho. A gente atravessava quando ia para a casa da dona Mábile, que era costureira e morava na rua Padre João Gonçalves. Esse passeio era muito legal, porque nos dias de chuva a rua virava uma lama só. Eu adorava o terreno baldio que ficava em frente, cheio de pés de amora.

Dona Mábile fazia roupas muito bem, mas eu sentia pena dela. Trabalhava feito doida para pagar os estudos do filho, que morava em Paris. Ela aceitava qualquer serviço, desde roupa de bebê até vestido de noiva. Eu acha-

va estranho uma costureira tão pobre ter filho em Paris: por que ele não estudava aqui mesmo?

Na rua Mourato Coelho ficava uma loja de tecidos. O dono era seu Jorge. Ele era narigudo e de olhos verdes. O filho dele, o Jorginho, narigudo e de olhos azuis. O Jorginho, na Semana Santa, fazia papel de Cristo na procissão da igreja do Calvário. Eu adorava entrar na loja e sentir o cheiro dos tecidos novos. Muitas vezes ia lá só para cheirar. Anos depois, o armário foi transformado em um bar que ficou conhecido como Bar da Terra.

Outro lugar bárbaro era o armazém da dona Dirce, na rua Simão Álvares. A gente enfiava os braços nos sacos de arroz e feijão... Uma delícia! Mesmo quando eu já estava com treze anos ainda sentia vontade de afundar a mão nas lentilhas, mas me controlava um pouco porque todos diziam que eu já era mocinha.

No entanto, eu ainda gostava de muitas coisas de criança, como essa de brincar nos sacos da mercearia, colocar barquinho na enxurrada, jogar mamona ao alvo, organizar circo na rua... Ah! Tinha também o seu Manoel, que vendia banana no caminhão e anunciava: “Banane-rô, bananerô”.

Na esquina da rua Mourato Coelho com a Aspicuelta moravam o Chico e o Paulo, que desenhavam muito bem. Nós estudávamos no mesmo colégio, o Machado de Assis. Às vezes, saindo da escola eu via não sei se o Chico ou o Paulo, e logo depois, na pracinha, eu encontrava não sei se o Paulo ou o Chico. Eles eram gêmeos, e eu só comecei a distingui-los porque à medida que foram crescendo um foi ficando mais hippie do que o outro.

Na Aspicuelta ainda havia um barzão ou uma padaria, não me lembro mais, onde os velhinhos jogavam do-

minó. Eles tomavam conta do lugar como se fosse a casa deles. Até o dono muitas vezes deixava de atender freguês para jogar uma partida.

Na Vila moravam vários casais portugueses. Eles costumavam construir nos quintais uma outra casinha para os filhos. Mais tarde, essas casinhas passaram a ser alugadas para os novos moradores que foram chegando.

O bairro parecia cenário do interior. Nossos vizinhos da direita eram dona Natália e seu Antenor. Os dois vira e mexe, no meio de qualquer conversa, fosse o assunto que fosse, sempre falavam do filho que estudava medicina.

No lado esquerdo morava Maria Amélia, que tinha uma sanfona, o rosto cheio de espinha e — coisa mais certa eu achava — esperava marido.

Em frente ficava a casa do seu Ângelo, que era barbeiro. Nas noites de Natal ele tocava sax para os moradores, saía distribuindo música de porta em porta. Seu filho estudava contabilidade e ele achava o máximo que o rapaz estivesse no Mackenzie, um colégio particular. Eu sentia uma coisa meio estranha quando seu Ângelo elogiava a contabilidade como uma profissão segura, porque o elogio não combinava com o seu outro lado tocador de sax. Pena que música ele só fazia uma vez por ano!

Eu não sabia bem por quê, mas aquelas pessoas eram parecidas com as ruas da Vila: todas muito simpáticas mas estreitinhas, para cada desejo um paralelepípedo... Às vezes essas impressões me pareciam besteira, coisa de criança. Só mais tarde, com Magro, é que percebi que minha intuição tinha razão de ser. Veja só:

O Zé Luís, filho do seu Jarbas, estudava engenharia mas gostava de tocar guitarra. O seu Jarbas ficava preocupado, onde já se viu engenheiro guitarrista? Aí o Zé

Luís só ensaiava na casa do Edu Bolão. E a rua inteira comentava quando a Marisete desfilava de minissaia, e eu achava lindo, porque ela era manicure, usava umas unhas vermelhas, tinha as pernas bonitas e saía na escola de samba da rua Fidalga.

Os meninos e meninas da turma na maioria pareciam-se com os pais: Zé Renato queria seguir a profissão do avô, Maria Camila ia fazer escola normal, Paulinho ia escolher uma carreira que desse dinheiro.

Nada contra quem gosta da mesma profissão do avô ou quem prefira lecionar. E ser bem-sucedido todo mundo quer, não é? O lance é que eu sentia uma coisa dentro de mim que não combinava com eles. Eu não sabia bem o que desejava, mas não era aquela vidinha de tocar guitarra escondido do pai. Era bom fazer parte da turma, mas às vezes apertava...

Que nem daquela vez quando a Amelinha fez quinze anos e todas as meninas da rua acharam a festa ma-ra-vi-lho-sa. Assim que entrei no salão da ACM e vi minhas amigas vestidas de branco, cheias de rendinhas, e aqueles caras de fardinha e as flores cor-de-rosa, e o tule rosa-choque e as velas com florzinhas, e os meninos suando nos fraques e a maquiagem das meninas derretendo no calor, eu disse para mim: “Chiii... eu não vou me adaptar”.

Outra ocasião em que a “coisa esquisita” me bateu fundo foi esta: todas as meninas da turma usavam cabelão. Naquele tempo a moda era cabelo bem liso e comprido, de preferência loiro. O meu era castanho e crespo toda a vida. Então a gente puxava o cabelo da esquerda para a direita, punha bastante grampo, enrolava na cabeça toda e essa tortura chamava-se *touca*. E dormia-se de touca, e na manhã seguinte soltava-se o cabelo e ele es-

tava duro e liso feito palha. Tinha umas loucas que alisavam o cabelo com ferro de passar roupa para ir mais rápido, mas a esse ponto eu nunca cheguei.

Pois bem. Uma manhã eu tinha desentocado a touca, estava bela e formosa na aula de geografia, quando o japonês que sentava atrás de mim colou chiclete na minha nuca e eu tive que cortar o cabelo bem curtinho. O que chorei na cama você nem queira saber. Todos passaram a me chamar de Joãozinho. Eu fingia que não ligava porque senão a turma ia pegar mais ainda no meu pé, mas por dentro me sentia horrorosa.

Um dia fui visitar minha prima Lena. Ela era mais velha do que eu, com um cabelão liso, e me disse uma coisa que me deixou de queixo caído:

— Antecipando a moda, hein?

— Não é moda — eu disse fazendo bico. — Foi o Yoshida. Eu acho medonho.

— Imagina!... — ela comentou. — Cabelo curtinho e crespo vai ser a próxima onda no verão, você não sabia?

E me mostrou na revista a foto de uma moça que usava o cabelo muito mais curto do que o meu e era linda. Em cima da foto estava escrita uma frase que eu não entendi nada, mas que tinha uma força...: A BELA ATRIZ DO ACOSSADO AMA O LÍDER DOS PANTERAS NEGRAS.

E a moça sentada numa moto abraçava um negrão bonito com cara brava e jaqueta de couro. O rosto dela era parecido com a Vênus de *biscuit* da cristaleira da vovó, mas só pelo olhar a gente logo via que ela também devia ser daquelas que não se encaixavam na turma.

Aí, por uns instantes, a coisa esquisita que volta e meia eu sentia não me pareceu tão esquisita assim... Então era isso... A beleza do avesso podia ser muito mais bela sem

precisar dormir de touca nem usar madeixas duras de Rapunzel. Como vocês podem ver, cabelo também era uma questão de cabeça...

Junto com esse lance da Bela do Acossado foram me acontecendo outros. Dei para sonhar com uma lua que tentava atravessar o tronco oco de uma árvore. Aí vinha uma chuva e todos os objetos do meu quarto ficavam com cheiro de terra.

Naquele mês de julho acordei feliz da vida. Era início das férias, eu podia passear pelo bairro o dia inteiro e fazia um céu azul de papel crepom. Andando pelo quarteirão, tudo estava em seu devido lugar: as árvores, as casas, o sapateiro na sapataria, dona Dirce no armazém, seu Jorge no balcão.

Aos poucos, veio vindo uma brisa suave que foi aumentando, aumentando... fazendo os ipês forrarem as ruas de pétalas amarelas. Durante dois dias o ar ficou impregnado com perfume de jasmim. Seu Ângelo olhou vagarosamente o céu, as árvores e comentou: “Gozado, você está sentindo esse cheiro? Jasmim não dá no inverno...”.

Na manhã seguinte, Magro chegou.

Junto com ele vieram Pedro, Mário, Vicente, Zeca e Carlos. Alugaram a casa grande da esquina da Fidalga, pintaram cada parede de uma cor, desenharam um arco-íris na porta, pregaram uma placa na entrada: REPÚBLICA DOS ARGONAUTAS.

Nunca mais a Vila Madalena nem eu seríamos as mesmas.